

ENTRE NUVENS E OSSOS

Tradução de
Cláudia Amaral, Constança Dinis
e Luísa Mira Corrêa

ELLA FIELDS



ALQUIMIA

Para os vilões de todas as histórias

PARTE UM

BEM-VINDOS A ETHERMORE

UM

Um rato caminhou por uma pilha de ossos. Passos ecoaram ao descer as escadas, e eu apertei ainda mais os joelhos dobrados contra o peito. O meu nariz molhado comprimiu-se contra as minhas saias de seda. As flores douradas entre as pregas cor-de-rosa e carmesim cintilavam na penumbra. A Bernie zangar-se-ia comigo. Era o meu melhor vestido.

Passos pesados e apressados aproximavam-se.

A duas celas da minha, o rato guinchou e disparou por entre as grades, dirigindo-se a um pequeno buraco na parede mais distante da masmorra.

Enquanto a Bernie suspirava ao encontrar-me, desejei poder escapar tão facilmente.

– Uma masmorra não é lugar para uma princesa.

– Já não quero ser princesa – respondi.

Não era totalmente verdade.

Ser princesa nem sempre fora tão mau assim. Eu não tinha de fazer nenhuma das coisas que a Bernie fazia. Ela dizia frequentemente que eu tinha sorte porque me era permitido brincar o quanto quisesse, desde que permanecesse fora da vista dos visitantes e durante os eventos importantes. Mas se isso significasse escapar dos *Fae*, eu abdicaria de bom grado do meu título.

Certamente, havia alguém muito mais adequado para ser um monstro, alguém muito mais corajoso e ousado. Eu não entendia porque tinha de ser eu.

A Bernie encostou-se às barras da minha jaula, indiferente ao ferro.

O seu cabelo acobreado estava penteado num coque apertado. Os traços escapavam do apanhado perfeito, estendendo-se em direção ao seu rosto em forma de coração. Confiante, refinada e incansavelmente dedicada ao seu dever como futura rainha de Nephryn, a minha irmã mais velha era tudo o que eu não era.

Mas foi outra coisa que fez uma semente de ressentimento florescer. A princesa Bernadette era humana.

Por isso, a herdeira preferida.

A sua mãe, a rainha Agatha, gostava de fingir que eu não existia, o que me convinha perfeitamente. Quando se dignava a reconhecer-me, nada de bom acontecia a seguir.

Provavelmente castigar-me-ia por isto.

Os lábios da Bernie estavam pintados de um tom vermelho-rosado. Curvaram-se afetuosamente quando ela me estendeu a mão.

– Vem, querida.

Não me recordava de nenhum momento em que ela não me tivesse chamado assim. Isso fazia-me detestar um pouco menos o facto de o meu cabelo loiro-claro me diferenciava do resto da minha família.

– Não posso.

O meu coração não tinha parado de bater a galope desde que acordara. Tinha a certeza de que, se fosse totalmente humana, ele teria falhado.

– Não quero deixar-te – respondi com a voz rouca. – Porque é que me estás a obrigar?

Os ombros dela descaíram, cansados.

– Hoje não vais a lado nenhum, Mildred – disse ela. – Ainda vai demorar muito tempo até te casares com o príncipe.

Não o suficiente.

A minha mente vagueou. A escuridão rastejou dos cantos da masmorra na minha direção. Fechei os olhos.

– Acho que estou a ficar doente. Diz ao pai e à madrastra que não me sinto bem.

A Bernie riu-se, de forma leve e despreocupada, como se eu estivesse apenas a entretê-la com uma das minhas aventuras na floresta.

– Butter, tens dez anos. Nem precisas de olhar para o príncipe Atakan se não quiseses.

Bastou ouvir o nome dele para sentir o estômago contrair-se.

Ter uma audição feérica frequentemente proporcionava um enorme entretenimento, até ouvir coisas que não desejava ouvir. Rumores da equipa circulavam há dias. Diziam que o príncipe Seelie era um monstro, que, embora ainda não fosse adulto, era conhecido como Atakan, o *Desumano*.

– Tudo o que precisas de fazer é sair e estar presente por um bocadinho – disse Bernie calmamente. – É só isso.

Cogitando sobre isso, abri os olhos.

– Dois minutos?

Outra gargalhada rompeu a escuridão que me deixava tonta.

– Talvez um pouco mais do que isso, mas farei o meu melhor para que seja breve.

Olhei para ela, pestanejando.

– A sério?

– A sério.

Ela sorriu e estendeu-me a mão novamente.

Fiquei a olhar para ela, a morder o lábio dorido. Tinha-o mordido muito esta manhã.

– Mas e se me tentarem magoar?

– Ninguém te quer fazer mal, Mildred. Muito pelo contrário. Este é o início de uma aliança poderosa. Uma aliança que ajudará este continente a tornar-se pacífico nos séculos que se seguirão.

Pacífico.

Antes de este acordo me ter sido dado a conhecer, há apenas algumas semanas, eu não sabia que os reinos dos *Fae* estavam em guerra nem que o continente de Elaysia era um lugar tão perigoso. Por outro lado, raramente saía dos terrenos do castelo.

O pai e a Bernie diziam que eu não tinha idade suficiente para os acompanhar nas suas viagens. Uma forma mais gentil de afirmar o que a madrastra nunca teve qualquer problema em dizer-me: que eu não devia ser vista nem ouvida.

Assim, enquanto eles estavam fora, aventurei-me pela floresta, fingindo que os nossos cães eram corcéis mágicos e que os troncos eram pontes que escondiam, sob elas, maravilhas sombrias.

Era divertido imaginar maravilhas sombrias até elas se tornarem demasiado reais.

– Como é que vou conseguir fazer isso? – indaguei, em pânico só de pensar numa responsabilidade tão grande.

– Sendo simplesmente a tua versão mágica, aventureira e astuta – afirmou Bernadette, arqueando uma sobrancelha. – Agora, apressemos-nos antes que a mãe decida vir à tua procura.

A fúria da rainha Agatha resultaria, sem dúvida, num embarço imediato e, mais tarde, num castigo.

Estremeci e coloquei a minha mão na de Bernadette enquanto ela se adiantava para me erguer do chão. No topo das escadas de pedra em espiral da masmorra, ela parou para apurar o meu vestido, sacudindo o pó e as teias de aranha das minhas saias.

– Está todo sujo, que atrocidade – repreendeu-me, antes de inspirar profundamente.

– Não há tempo para mudar de roupa. Por isso, vamos apenas esperar que ninguém repare.

Segui-a pelos corredores banhados pelo sol.

Sob a melodia das flautas, as conversas aumentavam de volume, servindo de bússola para o nosso destino. Frescas flores silvestres transbordavam dos vasos de todas as mesas e dos fundos parapeitos das janelas. Grinaldas haviam sido penduradas nas entradas e até mesmo nas trepadeiras do toldo do terraço. As cores eram todas iguais. Um conjunto de amarelos luminosos e de azuis-claros.

A cor do nosso reino era o dourado e a do reino dos *Fae Seelie* de Ethernore, o azul. Parei para alcançar as pétalas de veludo acima da porta.

A Bernie puxou-me pela mão e eu cambaleei para o lado dela no terraço de pedra. Por momentos, o calor súbito de tantos corpos aglomerados paralisou-me a respiração.

A Bernie inclinou-se para me sussurrar ao ouvido:

– Como já te disse, imagina que são todos ovelhas e que tu és um filhote de lobo, intocável por mais pequeno que sejas.

Funcionou apenas por um minuto.

Estas pessoas não eram ovelhas. Tentei, mas ao passarmos pelos amigos elegantes da madrastra e pelos guardas e conselheiros do pai, não consegui imaginar isso.

À medida que fileiras intermináveis de uniformes cinzentos e azuis bloqueavam a minha vista dos meus amados jardins, não conseguia ver um caminho a seguir para um lobo rodeado por monstros imortais.

Havia tantos deles na relva. Todos eram tão grandes e altos, que mal conseguia distinguir as copas das árvores da floresta por cima dos ombros adornados por consignas.

Perante o mar infinito de azul rígido estavam o nosso pai e um homem alto cujo rosto estava oculto pelo sol.

Ao ouvir que nos aproximávamos, o pai voltou-se e sorriu radiante, embora os cantos da sua boca parecessem franzir-se.

– Bernadette. – Colocou uma mão na parte inferior das costas dela e agarrou-me pelo pulso para me puxar para o seu outro lado. – Aqui está ela. – Soltou-me, mas a sua mão pesada pousou no meu ombro, um conforto e um aviso para que eu ficasse onde estava. – A minha Mildred.

Não reparei na sua chegada. Aquelas fileiras perfeitas de homens vestidos de azul, a esmagar a nossa relva esmeralda com as suas botas volumosas, continuavam a ser tudo o que conseguia ver. Só que não eram homens de todo.

Eles eram *Fae*.

E eu não tinha a certeza de que estava a respirar quando, finalmente, olhei para o rapaz alto, que não era um rapaz, mas sim, um príncipe feérico.

O meu futuro marido.

Atakan não olhou para mim. Pelo contrário, parecia mais interessado num besouro que rastejava pela relva aos seus pés.

Esmagou-o com tanta brusquidão que dei um salto.

A mão do meu pai fincou-se firmemente no meu ombro.

– Este é o rei Garran.

Lentamente, Atakan retirou a ponta afiada da bota dos restos do besouro e ergueu o olhar.

Antes que o seu olhar pudesse encontrar o meu, eu dirigi o meu ao rei Seelie. Ele tinha o cabelo pela altura dos ombros, de uma cor que lembrava a areia, e um sorriso caloroso que não combinava bem com os seus olhos castanhos.

Ele acenou com a cabeça uma vez.

– Prazer em conhecer-te, jovem princesa.

O meu pai soltou uma risada jovial quando eu não consegui dizer nada.

– E este é o seu filho, o príncipe Atakan. – Com os dedos a tamborilar-me no ombro, aclarou a garganta. – Não sejas tímida. – Com um empurrão gentil, ele impulsionou-me para a frente. – Diz olá.

– Olá – guinchei, enquanto um suspiro trémulo fugia do meu peito, e tratei de parar tão longe dele quanto pude ser considerado apropriado.

Lembrei-me do que a Bernie me instruíra a dizer durante o jantar na noite anterior e agarrei as saias com as mãos húmidas. Fazendo uma vénia, forcei um sorriso ao endireitar-me.

– É um prazer conhecê-lo, Vossa Alteza.

Uma mentira que eu esperava que ele não detetasse.

Os meus olhos cruzaram-se com os dele, de um bronze ardente com reflexos verdes brilhantes.

– É um prazer – disse ele com um tom arrastado, como se não fosse nenhum prazer.

Franzi o nariz.

Ele olhou para mim com um ar severo, as suas sobrancelhas douradas franzindo-se sobre os seus olhos fascinantes.

Uma gargalhada áspera desviou o meu olhar do príncipe, quando o rei Garran lhe deu uma palmada no ombro.

– Terá de perdoar a falta de maneiras do meu filho. Ele nasceu numa noite de lua cheia e, desde então, não conseguiu livrá-lo dessa audácia.

O meu pai riu mais uma vez. Perguntei-me se seria a única a perceber que aquela risada era forçada.

– Vamos festejar e deixemos que os jovens se conheçam.

Imediatamente, a rígida tensão no ar primaveril dissipou-se enquanto as pessoas se moviam.

À medida que os sussurros se transformavam em conversa, e a conversa em risos, esgueirei-me para trás do meu pai e esperei por uma oportunidade para atravessar a relva a correr, sem ser notada, até ao terraço.

Os guardas *Faerie* permaneceram diante das roseiras. Mas reconheceram, com rigidez, os nossos guardas quando estes quebraram a formação junto à sebe que ladeava as muralhas do castelo para os cumprimentar.

Era exatamente do que eu precisava.

Mas, assim que cheguei ao terraço, Agatha agarrou-me pelo braço.

– Onde pensas que vais?

Ela afastou um caracol ruivo da sua bochecha rechonchuda e sibilou:

– Vais caminhar com o príncipe Seelie, Mildred.

Pisquei os olhos, fitando-a, o brilho do sol a intensificar a advertência nos seus olhos cor de chocolate.

– Mas...

– Vai. – Largou o meu braço e empurrou-me na direção dos guardas *Faerie*.

O terror apoderou-se de mim quando olhei para trás, para o terraço. O meu pai e o rei Garran dirigiam-se para dentro, presumivelmente para conversar, como faziam os reis. A Bernie conversava com o seu noivo, um nobre calmo chamado Royce, que corava só de a ver.

E o príncipe Atakan estava parado diante de um grupo dos seus guardas, todos eles aparentemente pouco dispostos a cumprimentar os nossos.

Com as mãos cruzadas à frente do corpo, o príncipe observava tudo com o que só poderia ser descrito como repulsa. Ele não queria estar ali. Apostaria toda a minha coleção de pedras raras que ele não queria ter nada que ver com esta aliança.

Pelo menos tínhamos uma coisa em comum.

Isso encorajou-me a continuar a atravessar o relvado.

– Disseram-me para caminhar contigo.

A brisa fez com que fios de cabelo loiro-claro caíssem sobre a sua face angular.

– Fazes sempre o que te mandam? – perguntou ele, sem sequer olhar para mim. – És mesmo uma criança.

– Não sou uma criança – respondi desafiadoramente. – Tenho quase onze anos.

Ele riu-se.

A Bernie dissera-me que o príncipe tinha quinze anos e que, com o tempo, a diferença de idades não significaria grande coisa. Agora, não tinha a certeza de que acreditava nela.

DOIS

Sparrow Hall situava-se no coração do continente, uma estrutura semelhante a um celeiro aninhada numa curva do River Ribbon.

Durante anos, ansiara por ver o rio que alimentava as fronteiras dos três reinos. Agora que o contemplava, não conseguia reparar na forma como as suas águas se enrolavam em redemoinhos ondulantes, pois tudo o que via era o cabelo loiro-claro e o sorriso cruel do príncipe Atakan.

A nossa carruagem solavancou sobre uma grande pedra e o meu estômago acompanhou o movimento.

Durante três anos, tentara apagar da memória as palavras de despedida do nosso primeiro encontro. Não consegui. Demasiadas vezes acordara com os lençóis colados aos membros suados por causa dos pesadelos.

Pesadelos de nuvens e neblina, sufocantes, enquanto tropeçava em ossos e o riso dele me perseguia desde o céu, inescapável.

– Olha para mim, Butter. – A Bernie agarrou-me o queixo, desviando o meu olhar da água cintilante além da janela da carruagem. Franzi o sobrolho, mas a expressão suavizou-se quando ela afastou uma madeixa de cabelo que caíra sobre a trança ao longo da linha do cabelo. – Vou ficar contigo.

– Não faças promessas que não podes cumprir – disse, repetindo o que ela sempre me dissera.

Mas agora, ela era casada. Em breve, teria provavelmente um filho seu. Um filho humano que lhe ocuparia todo o tempo. Além disso, eu já tinha idade suficiente para cuidar de mim. Aprendera a deixar de correr do meu quarto para o dela sempre que acordava de mais um pesadelo.

O medo mantivera-me presa e sozinha.

A Bernadette não podia mudar nada. Eu tinha de casar com o *Faerie* que me avisara de que ele era tão monstruoso quanto os rumores afirmavam.

E agora era altura de voltar a ver o meu prometido.

A guerra entre os Unseelie e os Seelie já não se limitava aos reinos dos *Faerie*. Esta visita ao lugar sagrado da paz não era apenas um encontro entre o rei Garran e o meu pai, mas também uma celebração.

Uma demonstração imperativa de apoio e solidariedade, dissera o meu pai. Os *Fae* Unseelie, ávidos de sangue, seriam subjugados. As estratégias para os derrotar, elaboradas em estreita colaboração com a corte Seelie ao longo dos últimos anos, estavam agora a ser implementadas.

Quando eu estava por perto, o meu pai gostava de suavizar as palavras, mas eu desejava que ele falasse sem rodeios.

O continente inteiro estava agora em guerra.

Após a primeira guerra, o reino humano de Nephryn mantivera-se afastado das querelas feéricas, e esta disputa contínua entre os dois reinos não deveria ter mudado isso. Mas apontar o óbvio era inútil. Além disso, ninguém queria a minha opinião sobre coisa alguma. Não só era demasiado jovem, como as minhas orelhas eram pontiagudas, a minha altura e o meu cabelo de cor estranha lhes lembravam de que eu também era demasiado inumana.

Desde que o meu noivado ficara selado em pergaminho, era mais tolerada na corte. Ainda que a Agatha preferisse que eu permanecesse fora de vista. Eu também preferia, especialmente agora. Não queria nada mais do que ficar na carruagem ou esconder-me entre as árvores repletas de guerreiros.

A Bernie dedicou-me um sorriso preocupado e ajudou-me a sair da carruagem, apesar de saber que, muito vestida ou com roupa leve, há muito que conseguia fazê-lo sozinha.

Durante a viagem, ela dissera-me que os *Fae* Unseelie eram agora também os nossos inimigos, e para ter cuidado, ainda que Sparrow Hall fosse um terreno sagrado. Fitei-a com raiva antes que pudesse começar a explicar porquê.

Eu poderia ter apenas catorze anos, mas, felizmente, já não era ignorante. Ela sabia que eu ouvia muitas coisas que muitos prefeririam que eu não ouvisse. Que eu aprendera muito mais do que ela ou os meus tutores se dignavam a ensinar-me.

Como, por exemplo, o facto de o rei Garran ser o responsável pelo estado em que o seu reino se encontrava.

O reino Seelie de Ethermore estava sob ataque constante há anos, muito antes de o rei Unseelie descobrir a morte da sua mulher. Quando a rainha Kalista fugiu dele, ele enviou os seus guerreiros, a maioria deles metamorfos, para a caçar.

Caçadas que deixaram muitas aldeias e vilas em chamas ou mergulhadas no caos, e muitos civis mortos. Até no seu próprio reino, de Bonelands.

O rei Garran teria supostamente acolhido e amado a rainha Unseelie. Supostamente, também a matara quando ela tentara pôr fim à ira do rei Vorx,

ao regressar para junto dele. Garran manteve isso em segredo enquanto pôde, mas quando o destino de Kalista foi revelado, as caçadas do rei Unseelie transformaram-se em ataques vingativos e brutais.

Tal como em todos os contos de fadas, a verdade residia algures entre os dramáticos exageros.

Independentemente de quem fosse mais hediondo, Ethermore não conseguia resistir ao poder de Bonelands. Eles precisavam dos nossos soldados. Em troca, criariam uma aliança permanente com o reino humano, casando-me com o seu príncipe.

Ainda que compreendesse agora a razão do meu futuro perigoso, continuava a não gostar dele. Sobretudo, não gostava de ser impotente para o mudar. Por causa do meu sangue impuro, eu era um erro que a minha família escondia, inútil até precisarem de me usar como moeda de troca.

Claro que queria que a paz reinasse em todo o continente. Eu era apenas meio monstro. Mas continuava a desejar, a cada estrela que via, que encontrassem outra forma de pôr fim à brutalidade do rei Unseelie.

O cheiro a estrume de cavalo e a vinho de barril impregnava a brisa primaveril. Compus o meu xaile, cingindo com força o tecido fino, cor de damasco, ao peito.

O meu vestido era mais justo do que qualquer outro que já tinha usado. Enquanto nos preparávamos na última paragem e eu me queixava incessantemente, a Bernadette sussurrou que eu estava a tornar-me mulher e, portanto, as mudanças eram necessárias.

Não consegui perceber em que medida tornar a respiração quase impossível era necessário. Também me esquecera de lhe lembrar que não era humana. Não totalmente. Não fazia muito sentido, uma vez que ela já sabia. Uma vez que todos sabiam.

Quando essa era justamente a razão pela qual, um dia, eu deixaria para trás tudo o que sempre conhecera para viver entre os *Fae*.

A expressão consternada no meu rosto fez Bernadette rir. Ela deu-me então o xaile que tinha levado consigo, para cobrir o meu decote.

Guerreiros *Fae* e os nossos soldados cercavam a clareira ribeirinha onde se situava o Sparrow Hall. Nas suas vestes douradas e azuis, mantinham-se em inabalável formação ao longo da orla da floresta e da sinuosa estrada de terra batida.

Dois guerreiros Seelie montavam guarda na imponente entrada em arco do salão. Demoraram-se a abrir as portas bolorentas, e eu estudei as suas feições impassíveis. Os olhos alaranjados de um e a cicatriz que lacerava a bochecha do outro.